

A IMPORTÂNCIA DA CULTURA MATERIAL E HISTÓRICA COMO MÉTODO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM CAICÓ-RN

Allyson Iquesac Santos de Brito¹

Eduardo Permínio Leite²

Artigo recebido em: 18/08/2021.

Artigo aceito em: 23/02/2022.

RESUMO:

O presente artigo surgiu a partir de uma intervenção pedagógica realizada em turmas do 1º ano do Ensino Médio de uma escola localizada em Caicó-RN, pelos professores do programa PIBID - História, abordando como tema a origem da referida cidade sertaneja. O objetivo da intervenção foi o de possibilitar aos alunos uma reflexão sobre a importância de pontos históricos da cidade, tais como o Poço de Sant'Ana; a Casa de Pedra; a Igreja do Rosário; e o Açude Itans. Através de uma aula de campo, os alunos tiveram a oportunidade de discutir o conceito de memória como um espaço de narrativa mítica, arquitetural, com a reelaboração de práticas religiosas católicas populares e afro-brasileiras; e, por fim, uma memória paisagística. Por meio do embasamento teórico, enfatizamos a Educação Patrimonial e sua importância para os processos de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Caicó-RN; Cultura Material; História; Educação; PIBID.

THE IMPORTANCE OF MATERIAL AND HISTORICAL CULTURE AS A TEACHING-LEARNING METHOD IN CAICÓ-RN

ABSTRACT:

The present article arose from a pedagogical intervention carried out in classes of the 1st year of high school at a school located in Caicó-RN, by the teachers of the PIBID - History program, addressing as a theme the origin of mentioned country town. The objective of the intervention was to enable students to reflect on the importance of historical points in the city, such as the Poço de Sant'Ana; the Stone House; the Church of the Rosary; and the Itans Weir. Through a field class, students had the

¹ Graduado em História (licenciatura) UFRN/CERES; Pós-Graduando em Psicopedagogia – UNP; Mestrando em História – PPGHC/UFRN; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7011110384913539>; E-mail: allysonkesac@hotmail.com.

² Graduado em História (licenciatura) UFRN/CERES; Pós-graduando em História – Afro FAVENI; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0609968740626971>; Email: eduardo_perminio@hotmail.com. Atua como professor de história na rede privada de ensino desde 2021, cursou até o 4º período de pedagogia na UNP.

opportunity to discuss the concept of memory as a space of mythical, architectural narrative, with the re-elaboration of popular Catholic and Afro-Brazilian religious practices; and, finally, a landscape memory. Through the theoretical basis, we emphasize Heritage Education and its importance for the teaching-learning processes.

KEYWORDS: Caicó-RN; Material Culture; History; Education; PIBID.

1. Introdução

O presente artigo é fruto do trabalho dos autores quando ainda eram Licenciandos em História e bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) entre 2016-2017, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, campus CERES, localizado no município de Caicó-RN.

O PIBID, é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), criada em 2007 durante o governo do ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva, e implementada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. O Decreto presidencial que dispôs sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, foi publicado em junho de 2010.

A escola onde os bolsistas estavam inseridos, está localizada na cidade de Caicó-RN. O grupo PIBID era coordenado pela professora Dra. Juciene Batista Félix Andrade e os discentes estavam na escola sob supervisão do professor Everaldo Dantas Teixeira, Especialista em História do Brasil, pela UFRN.

Os bolsistas do Programa tinham como objetivo estar em sala de aula em contato com os alunos da escola, conhecendo o espaço escolar, as particularidades e limitações para planejarem, pôr em prática métodos de ensino-aprendizagem, e ter o retorno dessa participação em forma de “produto” pelos alunos – considerados agentes ativos no processo educacional.

Surgiu, então, o interesse do grupo de bolsistas em discutir sobre o que é a cultura material, como se manifesta na nossa sociedade e a importância das memórias para a História. Para isso, sob a supervisão supracitada, os bolsistas planejaram uma “aula de campo”, que com o apoio institucional, foi possível ser realizada.

A “aula de campo” foi considerada um método de ensino-aprendizagem necessária para melhor transpor didaticamente, os conhecimentos teóricos histórico abarcados pelos bolsistas.

Saindo dos muros da universidade e da escola, levamos os alunos que conheciam ou não a cidade onde estudavam, a visitar alguns locais historicizados para debatermos sobre a cultura material, como: o Poço de Sant’Ana, a Casa de Pedra, e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Também achamos necessário colocar em pauta a construção do Açude Itans, mas por questões de locomoção, não foi possível conhecer *in loco*, o referido espaço histórico.

A escolha desses espaços foi determinada tanto pela locomoção dos estudantes, quando por entendermos ser possível através dessa cultura material, que a história da cidade de Caicó poderia ser relatada abarcando questões sociais, políticas, religiosas e culturais pertinentes ao mundo contemporâneo.

2. Discussão teórica

Compreender a cultura material nas construções edificadas, entendendo-as como espaços socioculturais, políticos e ideológicos de uma determinada temporalidade, discutindo a noção de memória em disputas com outros espaços e outras memórias dos cidadãos e as cidades.

Dessa forma, a compreensão sobre patrimônio não pode ser entendida:

Como uma entidade natural, mas como resultado de uma seleção historicamente explicável, localizada em instituições criadas para tal fim e autorizadas por um contexto sociocultural, não isento de conflitos e disputas. (GUILLEN, 2014, p. 641).

Partindo dessa perspectiva,

O estudo sobre a memória se universalizou no momento em que, como nunca, o passado está distante do presente, quando as pessoas não mais identificam sua herança pela perda dos antigos padrões de relacionamento social e a desintegração dos antigos laços entre as gerações (BARROS, 2013, p. 03)

Partindo do estudo sobre a memória, entendemos que, os patrimônios históricos e sociais são uma forma de “resgate” dessas memórias intrínsecas nos referidos espaços, assim como, a integralização dos laços entre as gerações e a identificação da herança histórica contida na localidade em que estão inseridos e/ou de pertença.

Contudo, o patrimônio por si só, mesmo com a suma importância no que se refere a historicidade e os laços de memória entre as gerações, somente terá a história disseminada, conhecida, restaurada, reparada, entre outras formas de conhecimento, ensinada e aprendida, através da História.

A questão da memória impõe-se por ser base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo. (DE BARROS, 2013, p. 15).

Sendo o(a) professor(a) de História, um(a) dos(as) responsáveis pela transposição didática deste conhecimento para os discentes, percebemos que essa prática deve ocorrer de forma a provocar os interesses dos aprendizes.

Assim,

O ensino de História é portador da possibilidade de levar o aluno a estabelecer relações e produzir reflexões sobre culturas, espacialidades e temporalidades variadas através da construção de noções que contemplem os seus valores e os de seu grupo, desenvolvendo para isto relações cognitivas que o levem a intervir na sociedade (BARROS, 2013, p. 05).

A prática teórica-metodológica para esta finalidade e que gerou a construção deste trabalho, foi a aula em campo, ou seja, caminhar com os alunos pela história da supracitada cidade entre os patrimônios históricos a serem discutidos no processo de ensino-aprendizagem.

O conhecimento historiográfico contemporâneo através da supracitada prática teórica-metodológica, valoriza “o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem”. Dessa forma, com o estudante visualizando o patrimônio, tendo o

conhecimento teórico da História e da cultura material, o mesmo será favorecido com a construção de “noções de diferença, semelhança, transformação e permanência”. (BARROS, 2013, p. 07).

É importante compreender que a temporalidade está em cada parte do patrimônio. Logo, podemos discutir a ideia de tempo dividindo-o em três: passado, presente e futuro. Dessa forma, sendo possível analisar e discutir como a História realmente se forma: por discontinuidades, permanências, práticas cotidianas, entre outras formas de percepção da ação do tempo através da cultura material, o situar dos períodos e situações históricas.

Colocando a teoria em prática por meio da Educação Histórica, a contribuição para os alunos compreenderem a História como “um conhecimento específico, estando imersa no mundo cotidiano em que os sujeitos se relacionam. Impulsionado pela perspectiva de se repensar a História como utilidade para a vida e também assumir a importância do sujeito no processo de construção do conhecimento”. (GONÇALVES, 2015, p. 3557).

4. A Educação Patrimonial no Sertão de Caicó-RN

O Poço de Sant’Ana

A escolha do Poço de Sant’Ana para o início deste trabalho, foi justamente pelo amparo histórico que o mesmo detém: segundo a história local, mítica e religiosa, existiu um vaqueiro que em meio a um mofumbal³, encontrou-se com um touro bravo possuído por Tupã, entidade religiosa ameríndia.

Desse encontro, somente restou ao homem, pedir à Nossa Senhora Sant’Ana - a padroeira dos vaqueiros, e logo depois, de Caicó-RN e dos habitantes, assim como de Currais Novos-RN -, para que o touro fosse vencido. Depois de realizada e

³ Mofumbal seria um local muito fechado. No caso, está ligado ao período em que a vegetação caatinga dos sertões do Seridó formavam uma mata fechada, difícil de ser atravessada.

atendida, a promessa seria paga com a construção de uma capela em devoção à Sant'Ana.

A capela foi uma das primeiras construções em solo, posteriormente, caicoense. Os registros históricos informam:

Após ser firmado o tratado de paz entre os luso-brasileiros e os Tarairius, indígenas que habitavam a região do Seridó - mesmo que as Guerras dos Bárbaros continuassem até a segunda década do século XVIII em vários locais - a diminuição do conflito no Queiquó (atual Caicó) tornou possível a construção da capela de Sant'Ana, fazendo com que a população cristã pudesse finalmente celebrar seu Deus e seus santos e santas. (MACÊDO, 2013 p. 07).

Retornando ao mítico, às margens do rio Seridó, o vaqueiro em tempo de seca na região, construiu um poço e o dedicou à referida Santa para que nunca deixasse a água secar. O rio Seridó foi por muito tempo a principal fonte de abastecimento doméstico e construções no sertão caicoense.

Partindo da criação do Poço de Sant'Ana, surgiram novas histórias míticas: com a derrota do touro, o espírito Tupã que nele residia, transformou-se em uma serpente gigante que “se abriga nas águas do poço, ameaçando destruir a cidade se algum dia o poço secasse, ou se o rio transbordasse e as suas águas atingissem o altar-mor da igreja matriz” (MACÊDO, 2013, p. 09).

Na perspectiva da História e da resistência sobre o Poço de Sant'Ana, houve em 1873, uma revolta conhecida por “Quebra-Quilos”, na qual discutia-se sobre o sistema métrico-decimal adotado pelo Império. Como ato de resistência a este sistema, caicoenses atiraram ao poço, quilos de pesos metálicos.

Na atualidade, o poço encontra-se poluído e sem um olhar político e social relativo às questões de restauração do rio e do Poço, assim como a fauna e flora.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Enquanto segundo momento de ensino-aprendizagem, abordamos a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, contemplando os interesses dos educadores em retomar a história da construção dessa Igreja, passando pelo âmbito cultural, social e de resistência que nela se encontra.

Antes de ter uma igreja em sua homenagem, Nossa Senhora do Rosário recebeu para si, a antiga Capela de Nossa Senhora Sant'Ana – isso, porque construíram uma igreja para a padroeira dos caicoenses, atual Matriz em Caicó-RN.

A 27 de dezembro de 1771, foi criada em Caicó a “Irmandade dos Negros do Rosário”, que até os dias de hoje comemora seus rituais - principalmente entre os dias 30 e 31 de outubro - com coreografia própria que utiliza lanças – ou espontões – simulando uma dança tribal, com tambores ritmados por batidas características e pífaros. Guarnecidos pelo “bandeira” - homem vigilante pelo andamento das evoluções – os integrantes do grupo apresentam-se itinerariamente por toda a cidade (MACÊDO, 2013 p. 27).

Nossa Senhora do Rosário recebeu também a construção de uma igreja. Contudo, sem sabermos qual o ano exato da construção, sabemos que a reforma ocorreu em 1864, tendo participação de Luiz Chermond, “negro homeopata e zelador da Igreja do Rosário” (MACÊDO, 2013, p. 27).

A Casa de Pedra

A Casa de Pedra foi construída por volta de 1730, próxima ao rio Seridó e do Poço de Sant'Ana, na atual cidade de Caicó-RN, pelo “português Antônio da Rocha Gama, natural da freguesia de Torre de Moncorvo, de Trás-os-Montes”, que em 1774, já era casado com Isabel Maria de Jesus – seridoense que morou junto ao seu marido e filhos na Casa de Pedra. (DE MEDEIROS FILHO, 1981, p. 391).

A Casa de Pedra detém a importância patrimonial principalmente pelo ano de construção que remete ao período colonial.

Atualmente, “no seu interior, sofreu modificações para se adaptar ao estilo de vida contemporâneo; mas a sua fachada encontra-se com as feições originais bem

conservadas, exibindo as pedras usadas em sua construção.” (MACÊDO, 2013, p. 13).

O Açude Itans

Estando o município Caicó localizado no Seridó do Rio Grande do Norte, com chuvas regulares apenas no período de inverno, foi necessária a construção de um açude para abastecer a cidade. Posteriormente, a finalidade do açude se estendeu também para às cidades vizinhas.

Em 1907, os estudos para a construção do açude foram previstos, mas somente em 1932 a construção foi iniciada no leito do Rio Barra Nova.

Finalmente, após quatro anos de trabalho intenso, o açude Itans foi inaugurado em 3 de fevereiro de 1936. Com a finalidade precípua de abastecer a cidade de Caicó, sua capacidade inicial era de 81 milhões de metros cúbicos de água. Na ocasião, o açude foi batizado com o nome de Itans em virtude de haver no rio uma espécie de ostra conhecida por esse mesmo vocábulo. (MACÊDO, 2013, p. 45).

4. Sobre a metodologia

As perguntas básicas que norteiam os estudos da História, são: como? Quando? Onde? Porque? Partindo dessas questões, é possível ter a base necessária para se pensar a construção das identidades supracitadas – estas, carregadas de interesses políticos, ideológicos, pessoais e grupos, que através dessas constituições, direcionam discursos de poder (FOUCAULT, 2006) – os quais podem ser até mesmo institucionalizados e “naturalizados”, tomados como verdades absolutas.

Concebemos, portanto, que discurso e História estão intimamente vinculados, em uma relação indissociável. Ambos estão em consonância com determinadas condições de produção, remetendo à ideia da construção de conhecimentos e verdades ao longo da História, bem como a sustentação. Sobre este aspecto, Fernandes (2012) observou:

Da mesma maneira como se dá com a produção de discursos, a história não pode ser desligada de suas condições sociais, políticas e culturais de produção. Por isso, a escrita da história converge para uma operação de recortes da realidade, de maneira que os acontecimentos são sempre representações do real, resultantes do trabalho do historiador. (FERNANDES, 2012, p. 95).

Por isso, baseados na teoria metodológica do autor Pacheco (2009), propomos e realizamos a metodologia de ensino descrita no referido artigo do autor supracitado, para que, explorando o objeto cultural, o desdobremos em quatro momentos sucessivos, muito embora possam se sobrepor:

1º - Observação: o ato de observar o objeto, no caso, a cultura material, fazendo com que os alunos tenham a percepção sensorial, identificando-o e atribuindo-lhe significados.

2º - Registro: de forma livre, os alunos devem colocar no papel os principais registros identificados no 1º ato para que através do 2º ato, cheguem ao terceiro.

3º - Exploração: os alunos buscam outras fontes de informações além das percepções e conhecimentos gerais e de mundo, para acrescentarem à pesquisa.

4º - Apropriação: “Essa tarefa demanda uma releitura do objeto em diferentes linguagens esperando-se que o público da ação de Educação Patrimonial faça uma recriação dos significados do objeto e se sinta afetivamente envolvido com ele”. (PACHECO, 2009, p. 148).

Considerações finais

Acreditamos que os alunos ao terem o conhecimento sobre as localidades através da História, quando se perceberem como sujeitos históricos, ou seja, construtores da própria história, identificando aspectos como a classe social, econômica, entre outros aspectos incorporados aos mesmos, o de identidade, ampliando a ideia de pertencimento aos referidos aspectos, elevando a subjetividade de cada um.

O patrimônio deve ser entendido como um espaço que, para além da memória histórica, está constituído de historicidade a partir do momento em que houveram práticas culturais e sociais em uma determinada época, e ainda se fazendo presentes na temporalidade contemporânea.

O ensino de história por meio dos patrimônios históricos, constrói a identidade da cidade, do estado, da nação, e principalmente, dos cidadãos nos espaços em que estão inseridos, pois, os mesmos são entendidos como sujeitos históricos. Portanto, imersos na contemporaneidade, e pelo ensino-aprendizagem, os sujeitos percebem a constituição histórica de suas vidas e das famílias ao passo em que questionam o *status quo*. “Com isso, queremos afirmar que refletir sobre esses aspectos significa considerar a dimensão ética do respeito à diferença e à multiplicidade de experiências como direito à memória e à história”. (BRITES; PEREIRA, 2010, p. 337)

REFERÊNCIAS

BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, memória e história local. **Criar Educação**, v. 2, n. 2, 2013.

BRITES, Olga; PEREIRA, Mirna B. Oficina de História: Ensino, Memória e Patrimônio Histórico. **Projeto História** (Online), v. 40, p. 333-356, 2010.

FERNANDES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

DE MEDEIROS FILHO, Olavo. **Velhas famílias do Seridó**. Senado Federal, Centro Gráfico, 1981.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2006.

GONÇALVES, C. C.; ZARBATO, J. A. M. Patrimônio cultural, História e memória: abordagens para o ensino de História. In: VII Congresso Internacional de História, XXXV Encuentro de Geohistoria Regional e XX Semana de História, 2015, Maringá-PR. **Anais**, 2015.

MACEDO, M. K. Educação Pela Cidade: Aprendendo com o Patrimônio e a Memória Urbana. In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira, FAGUNDES, José Evangelista, ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. (Org.). **Reflexões sobre história local e produção de material didático**. 1ed.Natal: EDUFRN, 2015, v., p. 59-84.

MACÊDO, Muirakytan K. de; COSTA, Artur Rodrigues da. (org.). **Caicó vai pintar por aí**. Caicó: Edição dos autores, 2013.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. O ensino de História com base na Educação Patrimonial e no Estudo do Meio. **Cadernos do CEOM** (Unochapecó), v. 31, p. 145-155, 2009.